

diática da agressão sexual que ela sofreu era carente de humanidade. Ela se tornou apenas a pessoa agredida e todo o resto era negativo. Foi acusada de ser uma prostituta. Não lhe foi permitido ser humana.

Há um conclave no seu livro que impacta a vida das personagens, e sua obra foi lançada próximo a um conclave na vida real. O que acha da Igreja hoje?

Fui criada como católica e, quando era menina, amava a igreja, a missa, os dramas. Mas falar sobre religião requer complexidade e nuances. Essa religião foi imposta às pessoas. Na África, veio de mãos dadas com o colonialismo. As pessoas tinham sido colonizadas e, se quisessem avançar no novo mundo, era melhor se converter. Meu avô foi da primeira geração Igbo a se tornar cristão. Ao mesmo tempo, as pessoas pegaram o catolicismo e fizeram com ele o que quiseram. Se você vai à missa em uma pequena vila na Nigéria e em outra vila na França, é muito diferente. Por isso tenho um tipo de respeito cético pela religião. Ela pode trazer conforto, especialmente em um país sem acesso a saúde e com uma educação precária, como vejo na Nigéria. Mas existem denominações que exploram as pessoas. Nunca acreditei que cristianismo e riqueza deveriam andar de mãos dadas, mas isso acontece. O dinheiro se torna algo que Deus te dá, não importa se Jesus não era fã de dinheiro.

Qual sua relação com a religião?

Agora me descrevo como uma pessoa que foi criada como católica. Vou à missa às vezes, estou criando meus filhos como católicos e estou feliz com o novo papa [Leão 14], porque ele parece ser humano. Estava muito interessada em quem seria o papa e, quando ouvi pela primeira vez que ele era americano, fiquei horrorizada. Há algo muito bélico e autoindulgente no americanismo. Os americanos não acham que deveriam saber sobre o resto do mundo porque têm muito poder. Minha preocupação era que o papa fosse assim, mas não é. É maravilhoso saber que ele parece estar ciente de que este é um empreendimento global. Ele passou tempo no Peru, é cidadão peruano e em seu primeiro discurso não falou inglês. Adorei. É um bom sinal.

Nos últimos anos, a polarização política se acentuou e os Estados Unidos parecem estar mais violentos. Basta olhar para o assassinato de uma deputada estadual democrata há poucos dias. Como não sentir que a batalha pelo diálogo entre pessoas diferentes está perdida?

Não está. Há muitas pessoas nos Estados

“Se você vai à missa numa pequena vila na Nigéria e em outra vila na França, é muito diferente. Por isso tenho um tipo de respeito cético pela religião”

Unidos que não apoiam este governo, que não acham que isso é o que o país deveria ser. O presidente [Donald Trump] não venceu por uma grande margem. Não é como se os Estados Unidos coletivamente decidissem que este é o caminho que quer seguir. Então, não acredito na ideia de desistir. É importante manter a ideia de que o que importa é justiça, liberdade, autonomia e dignidade. Essa loucura vai passar.

No livro, a personagem Chia conta sobre uma editora que sugere mudar sua descrição de ‘escritora africana’ para ‘negra’. Ela sente que isso não reflete sua experiência como nigeriana. Como a sra. percebe a identificação racial em sua própria vida?

Sou uma mulher negra, mas não cresci com um senso racial. Como nigeriana, cresci com um senso étnico, pensando em mim como uma pessoa Igbo. Até ir para os Estados Unidos, não pensava em raça, em ser negra. Isso foi um aprendizado. Politicamente, acho importante ter candidatos ocupando cargos porque são negros e não me desculpo por isso, porque ao longo da história americana houve ação afirmativa para pessoas brancas. Todos experimentamos o racismo, mas as histórias são diferentes. Chia está escrevendo um livro de viagem e tem um passaporte nigeriano. Se ela fosse afro-americana, não teria que lidar com dificuldade em obter vistos ou ser tratada de forma insultante em aeroportos. A distinção é uma forma de questionar essa ideia de que negro é uma coisa única nos Estados Unidos, porque não é.

Quando a sra. veio ao Brasil há cerca de dez anos, disse que estávamos negando nossa identidade racial porque não viu pessoas negras nos lugares onde esteve, mesmo que tenhamos a maior população negra do mundo depois da Nigéria. Sua percepção mudou?

Mudou um pouco, mas ainda há muita coisa não resolvida quando se trata da ne-

gritude no Brasil. Pensando objetivamente, é muito chocante que um país tenha uma população tão grande formada por pessoas de determinada raça e isso não se reflita nas imagens populares desse país. A publicidade nos diz o que um país aspira. Há dez anos, eu via menos pessoas negras na publicidade brasileira. No aeroporto, olho as revistas, ligo a TV e vejo que há um pouco mais, o que suponho ser um progresso. Mas nunca acreditei em celebrar esse tipo de progresso. Em “Americanah”, uma personagem minha diz que o racismo nunca deveria ter acontecido, então você não ganha um biscoito por reduzi-lo. Concordo com ela.

A sra. conversou com Taís Araujo na Bial e conheceu Conceição Evaristo. Viu a forte reação da multidão quando Conceição foi apontada [ela estava na primeira fileira da mesa de abertura com as duas]. Isso diz algo sobre a evolução de nosso entendimento sobre nossa identidade também?

Não tenho nenhum biscoito na minha bolsa [risos]. Suponho que sim. Estou quase terminando de ler “Ponciá Vicêncio” e me perguntei como eu não sabia nada sobre Conceição Evaristo, porque quando vim há dez anos ninguém me disse para lê-la. Suponho que isso seja progresso, mas às vezes nos parabenizamos pelos pequenos passos que demos e esquecemos que ainda há um longo caminho a percorrer. Isso também acontece nos Estados Unidos. Os brasileiros não negros parecem estar muito mais conscientes sobre o quão importante é falar sobre a injustiça que os negros enfrentam no Brasil. Todo movimento de justiça precisa contar com os membros do grupo que se beneficia do sistema, isso é importante para que o progresso real aconteça.

E o que achou do livro?

É tão bonito. Eu achei muito comovente. Amo sua linguagem, algo que está se tornando mais importante para mim. Ficção para

mim é cada vez mais linguagem e psicologia, e achei a dela muito bonita.

A sra. disse em uma entrevista que os homens no livro são idiotas, mas que nem todos os homens são idiotas. Sua narrativa traz uma masculinidade humanizada. Um homem pode ser idiota sem intenção?

Eu disse isso? Talvez não tivesse dormido bem [risos]. A questão é que vemos esses personagens através do ponto de vista das mulheres. E me inspiro em diversas pessoas para construir meus personagens, então são familiares. Mas acho que sim, os homens frequentemente são idiotas sem saber que são. Não digo isso para desculpá-los. As mulheres são sortudas, tanto na biologia quanto na maneira como são criadas, por terem mais empatia e serem sensíveis. Em muitas culturas homens são chamados de “maricas” se forem sensíveis. Isso causa problemas. Como interessada nos direitos das mulheres e meninas, acredito que também devemos pensar sobre os homens e meninos. Não basta dizer a eles o que não fazer e o que é errado, é importante falar sobre o que podem fazer. Falar sobre isso em determinados círculos liberais é pedir para ser ignorado e silenciado.

A sra. disse que muitos jovens não estão escrevendo os romances que querem porque têm medo das repercussões e de talvez ofender alguém. Pode ser lido como uma espécie de aceitação de que os escritores são livres para serem intolerantes ou preconceituosos em sua ficção.

O problema em dizer que você não deveria escrever algo porque é preconceituoso é que precisamos questionar quem está definindo “preconceito”. Se um americano negro fala sobre racismo, a direita dirá: “você que é racista”. Porque para eles falar sobre racismo é preconceituoso. Então, deve haver liberdade completa para o trabalho criativo. A resposta para uma pessoa que escreve algo preconceituoso é que outras pessoas escrevem outras coisas. Quando começamos a censurar porque queremos censurar o ruim, no processo vamos censurar o bom e perdemos coletivamente. A gente lê livros publicados em 1950, se depara com coisas ali e pensa, “isso realmente não é muito bom.” Mas você está vendo o mundo como realmente era. Eu aprecio a verdade. Ando muito desconfiada. Não acredito em ninguém. Porque acho que as pessoas não estão dizendo o que realmente pensam, especialmente em assuntos como raça e imigração. Elas dizem o que acham que é o certo a dizer, aí depois se viram e votam no Trump. Uma sociedade que encoraja a censura não é saudável para ninguém.